



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 7 de Fevereiro de 2015 • Ano LXXI • N.º 1850 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Quem somos

PERANTE a imensidão de Amigos, que todos os dias se aproximam de nós por carta, por telefone, pessoalmente, por e-mail, ou até simplesmente depositando a sua oferta no banco, sendo nós pequeninos e tantas vezes rejeitados por outros, sentimo-nos confiantes pela Providência Divina que por todos Eles nos chega.

Por vezes, vem-nos ao espírito a Palavra de Cristo a Pedro: «Homem de pouca fé, porque duvidaste?» E vemo-nos levados pela Sua mão, por este mar encapelado e furioso que procura afogar-nos.

É que, de facto, este mar tem muita força. E nele cantam uma espécie de sereias que enganam os menos atentos e, até, bem intencionados. Para não falar dos monstros marinhos que nele fizeram habitação e arremetem contra os fracos marinheiros que navegam, em missão, nestes mares.

«No mundo tereis aflições, mas tende confiança! Eu venci o mundo».

Não há razão, pois, para ter medo. Ele chama, dá o dom, envia e acompanha de perto sem se fazer notar. É assim o Senhor.

Envia-nos como cordeiros para o meio dos lobos.

«Sede, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas.»

Nesta simplicidade de resposta às necessidades humanas dos Pobres, encontram os nossos Amigos toda a beleza porque se deixam encantar. Não é a flor mais bonita por a dizerem bonita. Basta-lhe a sua beleza.

Sem vaidade, portanto. Que a palavra seja «sim, sim; não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna».

Por longos anos vem florindo a nossa Obra. Estás incluído neste 'nossa'. De que valeria à flor existir se não tivesse alguém a quem mostrar a sua beleza que cria encantamento nas almas?

Nem todos apreciam a beleza natural da flor. Esses substituem-nas por outras artificiais: Que não dão trabalho, que não precisam de ser regadas, com as quais não é preciso sujar as mãos e se deitam ao lixo sem um olhar de tristeza e mágoa. Não têm vida, por isso não gritam à consciência.

Nós gostamos das que são vivas. Podem até não ser as mais bonitas ao olhar, mas estão vivas e falam da vida. Esta vida não somos nós que lha damos — é Outro que lha dá; nós só as cuidamos.

Há tantos anos que vem florindo a nossa Obra. Alguns de nós são trabalhadores da primeira hora. Entregaram-se sem reservas, sem projectos pessoais, sem limite! É assim que o Senhor da Vida quer, para a dar em abundância. Mas quê? «Mortos, mortos, aparentemente mortos, olha o grão de trigo morreu, e depois tanta flor, tanto fruto, tanta vida. Os que vão colher, os que vêem o fruto, os que o colhem, os que se alimentam dele, os que passam, os que duvidam desse fruto! O que ocasionou isso tudo? A morte, a morte, gosto desta morte, porque espalha a vida!» (Pai Américo). □

MALANJE

Padre Rafael

É hora de jantar e vamos todos para o refeitório. Cada um dirige-se para a sua mesa e fica de pé junto ao seu lugar. Quando todos entram, o chefe fecha a porta, chama a atenção com um bater de palmas e inicia a oração: «Bendito seja Deus pelos alimentos que vamos comer...» Todos nos sentamos.

Cada mesa tem um chefe que reparte a comida pelos seus irmãos. Ninguém pode servir-se sem autorização do chefe. Ele é o último a servir-se. Entretanto, outros dedicam-se a servir algo

que falte nas mesas: talheres, água... — São os refeiteiros.

Entretanto, o chefe do dia vai passando por entre as mesas para ver se os refeiteiros puseram tudo no lugar como: toalhas de mesa, talheres, as travessas com a comida... Normalmente o jantar demora um pouco mais porque eles gastam muito tempo a conversar.

Praticamente todos terminaram, o chefe aproxima-se da mesa dos padres a perguntar se pode dar por concluída a refeição. Às vezes, acontece pedir mais uns



PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Sementes à terra

HÁ horas em que o papel fica manchado de sangue e lágrimas, em jeito de tinta. Para afagar estas emoções, nada melhor do que apanhar ar e pisar os torrões escuros e rasgados pela charrua, num belo dia transparente e de luz intensa. E olhar com esperança para as sementes lançadas ao vento, neste tempo de frio feroz. Nestes momentos, uma alma ferida e condoída tem de escutar, a sério, a Palavra, como a do Semeador.

Urgia, então, sair a semear cuidadosamente para esperar searas melhores. Os corvos e pombas, que se aproximavam, ainda debicaram uma parte das sementes. Evitou-se que caíssem em terrenos duros e em silvados. As terras foram bem preparadas e as mãos cheias esvaziaram-se em ritmo cadenciado. Tantas sementes e

pequenas, por enquanto. É um acto de perseverança e confiança sair a semear em várias terras.

Parámos a olhar para a terra e a elogiar em segredo aqueles grãos de cereal que se entregam total e gratuitamente, sem nada esperar em troca, mas para se multiplicarem, esgotando-se até à maturação, passando pela morte. Na gratuidade do dom e da entrega da própria vida está o cerne do ser cristão, do serviço eclesial e ao mundo. Faz bem à pequenada,

a toda a gente e a quem vive ensimesmado em papéis e números, ver e encarnar nestas acções antiquíssimas, na sua beleza e grandeza para ir entendendo o desenvolvimento humano.

As sementes dos campos não têm consciência deste alcance grandioso; porém, obrigam-nos a cuidar delas com desvelo para se compreender a dimensão transcendente da vida humana. A sua maior alegria é, escondidas nas terras, deixarem-se morrer pela colheita que virá, mesmo que as intempéries as tentem destruir.

Continua na página 4

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O *Património dos Pobres* tem o misterioso condão de despertar consciências, revelar aos homens o trabalho do Espírito nos corações que a Ele se abrem e provocar *heroicidades*. Tudo desafiado pelo sofrimento dos Pobres.

É o que nos dizem as duas cartas que trago hoje à vossa contemplação!

A primeira, é de um padre, acolhido numa casa sacerdotal com a idade e desgaste já avançados, mas pleno de juventude evangélica.

«Chocaram-me os seus últimos Património dos Pobres.

Tenho um pouco de dinheiro guardado, para poder responder a qualquer dificuldade de saúde que me possa sobrevir. Porém, perante o sofrimento dos irmãos nossos que se encontram em situações como as que descreve, entendi que não devo estar a guardar o que lhes faz falta — já à espera de uma hipotética necessidade que poderá ou não atingir-me. E, se acontecer, Deus é Pai Providente e não me abandonará.

Falei do caso a uma pessoa amiga e prontificou-se a ajudar com quinhentos euros.

Concretizando, envio o cheque na importância de 5.500 euros para ajudar os nossos irmãos em extrema necessidade.

Não é necessário enviar recibo.»

A carta revela uma alma sacerdotal de fino quilate, adornada de fé viva, confiança plena no Deus Pai Providente. Um coração pobre que sempre se habituou a viver na dependência de outros,

Continua na página 3

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

TIPOGRAFIA — Os nossos tipógrafos estão a fazer cadernos para enviar para a nossa Casa do Gaiato de Malanje. Os cadernos são de várias cores e vão deixar os nossos Rapazes muito contentes, principalmente os nossos «Batatinhas». É neles que eles vão aprender muitas coisas que os professores vão ensinando. Espero que neste ano lectivo que agora vão começar tenham boas notas.

JARDINAGEM — À volta da nossa rampa em frente à casa 3, o nosso carpinteiro e o Paulo «Mudo», andaram a fazer uma pequena vedação em madeira tratada. Depois o Paulo preparou a terra e plantou a toda a volta plantas que irão fazer uma sebe muito bonita. Do lado de cima deste jardim iremos colocar um banco igual àquele em que o Pai Américo se sentava, de onde observava a Casa-mãe, a Capela, o Hospital e a Escola.

LAVANDARIA — A nossa lavandaria, que foi melhorada, já está a funcionar. A partir de agora a nossa rouparia também funciona lá. Nesse mesmo local temos uma máquina de lavar roupa e uma máquina de secar que nos foram oferecidas por Amigos da nossa Obra. Uma vez mais lhes agradecemos. Agora a nossa roupa terá melhores condições para ser tratada e ficar bem arrumadinha.

TELHEIRO — O nosso antigo telheiro, onde se guardava a lenha, foi transformado num armazém onde iremos guardar as coisas das nossas obras, que às vezes também damos às pessoas que necessitam. Fica assim ali tudo bem arrumado, pronto a ser usado quando for preciso. □



DOCTRINA

Pai Américo

Faze hoje um exame de consciência

PASSANDO, há dias, nos becos da Alta, dei de cara com um miúdo na soleira da porta, semblante triste, olhar vago — a procurar... A tristeza da criança vai de encontro às leis da Natureza, por isso tanto nos punge.

Entre na mansarda, terra conhecida; antes desta, morava ali uma outra família da mesma laia que eu visitava. Mudou agora de sítio que não de condição; os Pobres nunca mudam nem melhoram.

O pequenito, da porta, seguiu-me na escuridão da toca; e num instante diz a causa da sua infinita amargura: «A nossa menina quer pão!»

A menina estava ali efectivamente, lágrimas roliças, bracitos abertos — a procurar... É uma dos sete da família.

A mãe tinha ido ontem para a Maternidade. A mais velha prà fábrica. E os restantes choram por pão. O pai fugiu de casa! Fugir de casa, assim, é o pior dos remédios para o pior dos males.

A tarde vem do quartel a sopa, quando calha. Os miúdos sentam-se no chão, à roda da panela que a foi buscar e comem à vez por uma colher de folha sem rabo, a única que a família tem.

Dentro, por detrás de um taipal, há uma rima de palha solta e uma dita de farrapos das mais variadas formas e esquisitas cores. À noite, sobre aquelas palhas e debaixo daqueles trapos, adormecem, semelhantes aos animais, criaturas semelhantes a nós!

CONTO hoje este caso para tu saberes onde gasto os teus dinheiros e aplico as tuas roupas; não que seja o único, as nozes são muito mais que as vozes — muitíssimo mais.

TODA a gente sabe; e tu idem. E até se sabe muito bem que depois destes tempos de delírio bélico, vem outra guerra maior; e assim por todos os séculos dos séculos, enquanto o fiel da balança não estiver apurcado. Toda a gente o sabe, sim; e tu também.

Dizem que o macaco fecha a mão e não larga o que tem, a menos que lha cortem; e, outrossim, dizem que o homem descende do macaco!

Bem podias repartir os teus anéis, em boa paz. Podias e devias; mas não queres. Por isso ficas sem eles e sem os dedos...

Do livro *Pão dos Pobres*. 3.º vol.

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

AGROPECUÁRIA — O frio, em especial à noite, tem sido de rachar. Na nossa horta, as couves troncha e serrana vão resistindo às geadas, e no nabal têm-se apanhado bons nabos e grelos. Continuaram-se a lavar os terrenos da nossa quinta; e, a 28 de Janeiro, teve início a sementeira da aveia. Esta cultura vai ocupar: campo do ti Jaime, terra nova, terra dos grilos, terra do poço novo, lameiro e olival dos poços. Podaram-se os kiwis, na latada, e as árvores de fruto no pomar; depois, apanhámos a lenha da poda. Nos socalcos a poente, os citrinos têm

produzido muitos frutos, em especial tangerinas, que nos têm deliciado e fazem bem. Também temos descarrado milho, quando chove.

BODAS DE DIAMANTE — Ainda vai havendo ecos do dia 7 de Janeiro, em que nesta Casa foram recebidos os três primeiros Rapazes por Pai Américo. O Jornal desta Diocese, Correio de Coimbra, e a Centro TV vieram até nós a 22 de Janeiro, para fazerem uma reportagem e uma entrevista. Filmaram a nossa Casa e gravaram imagens nossas no estudo, na merenda e a brin-

car, depois de chegarmos das escolas. Gostámos do trabalho dos jornalistas e agradecemos esta bela visita!

ENSINO — A 6 de Janeiro, finalmente, o Joel começou a frequentar o Curso de Mecânico de Serviços Rápidos, com equivalência ao 9.º ano, na ARCIL, Lousã. Foi difícil, mas conseguiu-se autorização do Ministério da Educação, a quem agradecemos o despacho favorável. Esta decisão foi muito importante para o seu projecto de vida! □

Tiragem média d'O GAIATO,
por edição, no mês de Janeiro,
22.850 exemplares

Implantação da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

CASAS DO GAIATO

PORTUGAL

Casa do Gaiato do Porto
Mosteiro • 4560-373 PAÇO DE SOUSA
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799
E-mail: obradarua@iol.pt
NIB: 0045 1342 40035524303 98

Casa do Gaiato de Beire

4580-281 BEIRE
Tel./Fax: 255 776 178
E-mail: gaiato-calvario@sapo.pt
NIB: 0018 0000 06209336001 33

Casa do Gaiato de Miranda do Corvo

Bujos • 3220-034 MIRANDA DO CORVO
Tel.: 239 532 125 • Fax: 239 532 099
E-mail: gaiatomiranda@sapo.pt
NIB: 0035 0468 00005577330 18

Casa do Gaiato de Setúbal

Estrada da Casa do Gaiato
2910-281 SETÚBAL
Tel.: 265 501 227 • Fax: 265 529 064
E-mail: cgsetubal@sapo.pt

ANGOLA

Casa do Gaiato de Malanje

C. P. 192 MALANJE
E-mail: casadogaiatodemalanje@gmail.com

Casa do Gaiato de Benguela

C. P. 820 BENGUELA
Tel./Fax: 00244 272 232 266
E-mail: gaiatobenguela@netangola.com

MOÇAMBIQUE

Casa do Gaiato de Moçambique

Boane • C. P. 591 MAPUTO
Tel.: 00258 21 49 52 48
Fax: 00258 21 49 52 49
E-mail: casagaiato.maputo@gmail.com

CALVÁRIO

Calvário
4580-281 BEIRE
Tel./Fax: 255 776 178
E-mail: gaiato-calvario@sapo.pt
NIB: 0018 0000 06209336001 33

LARES DO GAIATO

PORTUGAL

Lar do Gaiato do Porto
Rua D. João IV, 682
4000-299 PORTO
Tel./Fax: 225 370 300

Lar do Gaiato de Coimbra

Trav. Padre Américo
3000-313 COIMBRA
Tel.: 239 712 648

Lar do Gaiato de Lisboa

Rua Ricardo Espírito Santo, 8 r/c, dto.
1200-791 LISBOA
Tel.: 213 966 333

Lar do Gaiato de Setúbal

Rua Morgado de Setúbal, 91
2910-700 SETÚBAL
Tel.: 265 537 798

Oficinas:

Rua Camilo Castelo Branco, 22-A
2910-444 SETÚBAL
Tel.: 265 523 054 • Fax: 265 537 799

ANGOLA

Lar do Gaiato de Luanda

Rua Ferreira do Amaral, 80
C. P. 1788 LUANDA – ANGOLA

LARES DE FÉRIAS

Colónia de Férias da Casa do Gaiato
Rua do Gaiato
4480-164 AZURARA

Colónia de Férias da Casa do Gaiato

Rua Padre Américo
3070-727 PRAIA DE MIRA

Lar de Férias da Casa do Gaiato

Portinho da Arrábida
2925-378 AZEITÃO
Tel.: 212 180 527

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Casa do Gaiato de Setúbal

Algerúz
2910-281 SETÚBAL
Telem.: 934 612 499

OBS.: — A Casa do Gaiato de Lisboa, em Santo Antão do Tojal — Loures — deixou de pertencer à nossa Obra da Rua ou Obra do Padre Américo em 2006, passando para a alçada do Patriarcado de Lisboa.

SETÚBAL

Padre Acílio

HÁ vários anos, quando regresssei a Setúbal, o actor Luís Aleluia, popularmente conhecido pelo *Menino Tonecas*, antigo Gaiato desta Casa, veio-me mostrar um espaço enorme que havia comprado, para um projecto dele o qual se tornou irrealizável. Oferecia-me para ali montar um serviço de atendimento aos pobres: distribuição de roupas, alimentos, remédios, etc.

O espaço, uma antiga fábrica de pão, com área suficiente para tudo o que uma padaria grande necessitava há sessenta anos, havia já sido recuperado por ele, embora com inúmeras deficiências da parte do construtor que lhe comeu o dinheiro e desapareceu.

Expus as minhas dificuldades quer logísticas quer legais e, com tristeza comum, tanto dele como a minha, a ideia não passou do encontro e da conversa.

No entanto o actor não desistiu. Não podendo ser comigo, abriu outras clareiras, expôs as suas intenções ao Presidente da Junta de Freguesia e, não sei se ao Pároco, para que a sua propriedade não permanecesse infrutífera ou vítima de vandalismo.

Como os contactos correram e o tempo neles gasto, não é do meu conhecimento.

No princípio desta semana recebo um telefonema do Aleluia a informar-me, exultante, da inauguração de um empreendimento no seu edifício, para ajuda aos pobres, designadamente os sem abrigo e a rogar-me que estivesse lá, pois a Zita, sua esposa, me apresentaria, contando também com a presença do Pároco ou alguém da Cúria Diocesana.

Hora marcada, seis da tarde, princípio de uma noite fria e morrinhenta, lá estive, vencidas as dificuldades de estacionar, embora longe.

Esta edificação situa-se na baixa antiga da Anunciada, em Setúbal, numa daquelas ruas estreitas de sentido único para automóveis.

Apresentei-me, pois a Zita ainda não tinha chegado, por embarços também no estacionamento,

e deparei-me com a entidade superintendente do projecto, o Centro e Apoio aos Sem Abrigo, denominado CASA.

O Coordenador agradecia às empresas que haviam ajudado e destacava os homens que, gratuitamente, trabalharam na adaptação e alindamento do enorme espaço.

Provido de um balcão, frigorífico grande, vários armários, mobiliário diverso e um fogão, o Centro pode confeccionar refeições para distribuir a famílias carenciadas e servir, ali mesmo, quem se apresente com fome.

Recolhe, a partir das 21h30, sobras de alguns restaurantes, particularmente de uma grande superfície, e com elas põe a mesa aos Sem Abrigo. Aceita frutas, doces, bebidas que lhe sejam oferecidas e, com tudo o que chega e confecciona, vai gerindo as refeições.

É de exaltar todos os que correm para esta boa acção basilar das obras de Misericórdia: *dar comer a quem tem fome*.

No entanto devo também enaltecer a disponibilidade do espaço, cedido por um antigo Gaiato, hoje figura Nacional que, sem qualquer recompensa, se dispôs, na linha da Casa que o criou, a servir os mais pobres.

Sublinhar também que o Centro de Apoio aos Sem Abrigo realiza obra intermédia, isto é, mata a fome, acolhe em mesas dignas e em ambiente favorável os famintos da rua, sem atacar a raiz da indignidade humana que os atingiu. Faz o que pode e pelo que executa, só merece louvores, mas é uma Obra incompleta,

porque ataca o mal nas suas consequências e não na sua origem.

Dar comer a famílias é melhor que deixá-las morrer à fome.

Que isto aconteça acidentalmente podia tolerar-se, mas nunca como regra.

Uma acção como esta não se pode transformar numa arma para se destruir os fundamentos e as estruturas familiares, como é a refeição ordinária em casa particular. Pois as famílias vão-se construindo nas refeições em comum, no cheiro da cozinha, na confecção dos alimentos e no juntar à mesa os membros que a compõem. Se não tem banca ou cadeiras, há que lhas procurar. Se não tem fogão, devemos fornecer-lho. Se a loiça não existe, temos de lha facultar. Se não tem gás, criemos uma forma de eles serem abastecidos em qualquer posto de garrafas com um documento que nos obriga a pagá-las, etc., etc., evitando a todo custo que as pessoas se viciem ao restaurante.

Nunca devemos esquecer que estas famílias, assim carentes, precisam ser examinadas e amparadas. Isto só se faz com visitas domiciliárias frequentes, com muita compaixão, aturada perseverança, sentido largo da dignidade humana e abundância de Amor.

Os Cristãos teriam aqui um imenso filão para desenvolver o seu apostolado.

Um centro destes é, por si só, mais uma acusação brutal de um falhanço redondo na organização social de um País.

Não chamaremos *um mal necessário* porque ele é um bem para remediar males que jamais deveriam surgir, pelo menos na abundância em que hoje aparecem. □

MALANJE

Padre Rafael

Continuação da página 1

repetir, se sobrou. De seguida, o grupo do refeitório começa por levantar as mesas. Outros, lavam a loiça. Tudo tem de ficar completamente limpo antes das nove e meia. Alguns dos mais pequeninos adormeceram durante o jan-

tar, e os chefes têm que levá-los ao colo para as suas camas.

São 21h15, o chefe passa pelo refeitório e pela cozinha a ver se tudo está em ordem. Falta limpar um dos corredores e chama o rapaz encarregado de o fazer, para que termine a sua tarefa.

meras vezes a história humana, «do diabo...».

Seis milhões de seres humanos foram dizimados naquele «corredor da morte». Quem dera nunca mais fossem esquecidos. A memória humana é, de facto, fraca e o holocausto continua presente, por assim dizer, em muitas opções políticas; em muitas escolhas erradas acerca da defesa dos Direitos Humanos por esse mundo fora.

No nosso pequeno mundo das relações humanas, há atropelos à dignidade humana que geram, frequentemente, também situações de sofrimento silencioso, doloroso. A violência doméstica é nos nossos dias um verdadeiro holocausto em tantas famílias. Não podemos ignorá-lo. A falta

de horizontes para a gente nova é também motivo de grandes preocupações e que pode conduzir muitos para o abismo.

S. Maximiliano Maria Kolbe foi um dos maiores expoentes do drama de Auschwitz. Como Cristo teve ocasião de dar o maior testemunho de vida cristã quando ofereceu a sua vida em vez de outro condenado... Grande lição de vida, grande exemplo a que o Papa João Paulo II deu relevo ao canonizá-lo para que fique bem patente e para memória futura, que: «só o amor vale... só o amor é digno de fé». O resto são construções babilónicas ou faraónicas que a erosão do tempo e a razão da história se encarregarão de justificar na sua verdade mais profunda. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

a distribuir o que lhe vinha às mãos pelos que dele se abeiravam, sobretudo, os mais infelizes.

Assim, ler o *Património* enche-lhe o coração, esvazia-lhe a bolsa e fortalece-lhe a fé!...

— *Não leveis duas túnicas!*

O Mestre não falava a brincar, nem poeticamente, mas com realismo.

Este padre não gracieja com o Evangelho, cumpre-o. Sabe perfeitamente que a vida não depende de si e, muito menos, do dinheiro. O «Pai Providente» é o único a conhecer as circunstâncias futuras de cada homem; por isso, a Ele se entrega, desprezando-se a si mesmo!

Que mais lições tirar, desta atitude sacerdotal?!... Naturalmente o Leitor descobrirá ainda muitas outras.

É de dar graças a Deus por tanta luz, que não ressalta de discursos, nem de escritos, mas de uma convicção profunda, adquirida na meditação, na experiência de que os homens amados por Deus estão no coração deste sacerdote.

A outra carta é de um jovem, antigo Gaiato.

«*Sempre que leio as suas crónicas, dói-me a alma!*

E espero que me continue sempre a doer, pois é sinal que ainda tenho alguma consciência social.

Escrevo-lhe para lhe desejar um Bom Ano e dar-lhe esta migalha, que apesar de me fazer falta, muito mais faz a quem nada tem e o senhor apoia.

Dou-a de coração; receba-a de coração!

Não quero qualquer tipo de agradecimento e peça anonimato.»

E esta?

Até para mim, que conheço bem o jovem, a carta trouxe uma surpreendente e magnífica surpresa.

O seu autor é um antigo Gaiato que não põe o Jornal de lado, como alguns, mas o bebe sofregamente.

A leitura faz-lhe «doer a alma»; mas, apesar da dor, ele não desiste de o ler.

Estas aflições fazem-lhe bem. Despertam-lhe a sua «consciência social», abrem-lhe os olhos, porque «apesar de lhe fazer muita falta, muito mais falta faz a quem nada tem».

Não quer «qualquer tipo de agradecimento» porque o pago já o tem na alegria do seu coração. Não toma esta atitude à espera de qualquer elogio ou recompensa. Ao fazê-lo, já a tem dentro de si — o Pai do Céu vê — e isto dá-lhe imensa alegria... «Dou-a de coração!»

A seguir, recomenda-me com intuição admirável, com que me fala: «*Dê, comigo, graças a Deus: Receba-a de coração!*»

Eis a beleza de uma consciência jovem, aprimorada na Casa do Gaiato que, até por ser anónima, não pode ficar escondida. □

O chefe deste dia foi o Zézinho e tem 17 anos. Ele sabe como têm de ficar as coisas, pois vê-as desde pequenino, e assim ensina aos pequenos de agora. Adquirir hábitos quotidianos e comer num ambiente saudável — como se fosse um hospital para espíritos famintos.

Hoje tenho de ir a Luanda, resolver alguns assuntos. Padre Telmo, como é costume dizer, será uma presença, pois a Casa está entregue às mãos dos Rapazes. Pode ser que no dia-a-dia encontre na Aldeia mil defeitos, mas quando me distancio dela apenas alguns quilómetros, dou-me conta do grande milagre que é esta Família.

Nesta viagem tenho a companhia do *primo Velho*, um antigo Gaiato acolhido pelo Padre

Telmo nos anos de 1970 e que nos últimos meses tem estado a reparar os parques do gado. Na Obra da Rua os antigos Gaiatos, normalmente, sentem-se chamados a apoiá-la economicamente; outros, com os seus conhecimentos; ainda outros, com o seu trabalho — o importante: ajudar a Família. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Que força estupenda não tem a caridade que mete lanças no peito e fere os corações, à distância — para salvar!

in Pão dos Pobres, 3.º Vol., p 74

HOLOCAUSTO

Padre João

FAZ hoje, 27 de Janeiro 70 anos em que terminou o «inferno» de Auschwitz. Os meios de comunicação deram cobertura mediática de forma exaustiva, como convém, e nunca seria demais em assunto tão importante por causa da memória futura. Não haja dúvida, «Auschwitz», com todo o seu cortejo de morte, foi, em pleno século XX, um dos sinais mais retumbantes da manifestação do «velho antropóide» que nos habita, enquanto seres humanos de forma «cavernosa»; alguns humanos dão-lhe corpo e forma «horripilante».

É bom não esquecer tanta falta de humanidade e tanta loucura... a que pode chegar o ser humano! O Homem, «capaz de Deus», é também capaz, como o atesta inú-



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • www.obradarua.org.pt

obradarua@iol.pt

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Contribuinte N.º 500 788 898

Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal: 358514/13

BENGUELA

Padre Manuel António

Casa de Família dos filhos sem família

A expressão sublime do Amor é a Justiça. Queremos um mundo novo, onde cada um possa ter o necessário para uma vida digna. Não é verdade? A alma deste corpo novo, revestido do hábito maravilhoso que é a Justiça, chama-se Amor. O segredo está no coração de cada um de nós. Deixar os bens de que não precisamos e dá-los aos nossos irmãos mais pobres e necessitados é abrir caminhos de unidade e fraternidade. Aqui está o segredo dum coração feliz. Esta verdade ganha solidez, na medida em que é fruto da experiência pessoal. Vamos caminhar para a frente! Há momentos, o filho dum empresário que sempre nos acompanhou, desde o nascimento da nossa Casa do Gaiato de Benguela, depositou um cheque em nossas mãos. A alegria do dom que fez estava visível no seu rosto e nas suas palavras. Cumpru uma obrigação, exigida pelo Amor.. Por isso, estava feliz. Acontece que tenho diante dos meus olhos, de surpresa, um livrinho com estes dizeres: Uma criança perguntou, no meio dum sorriso, o que é preciso para ser feliz? A resposta vem a seguir: Amar como Jesus amou, pensar como Jesus pensou, viver como Jesus viveu, sentir o que Jesus sentia e, ao chegar ao fim do dia, sei que dormiria muito mais feliz". É uma síntese dum programa de vida, capaz de encher os corações. Pai Américo não quis outra forma de viver que teve como fruto a Obra da Rua, com as Casas do Gaiato e o Calvário para os doentes incuráveis abandonados. Está aqui a expressão sublime do Amor que é a Justiça. Por este caminho, a criança da rua, abandonada, sem família, goza do direito de ter uma família que lhe dá a ajuda para ser um digno cidadão da sua pátria.

Durante os últimos dias, estiveram acampados nos espaços da nossa Casa do Gaiato, como

é habitual, grupos de crianças, jovens e adultos, das várias comunidades paroquiais do exterior. É uma oportunidade para o conhecimento mútuo. No regresso às suas casas, levam, nos seus corações, a mensagem do Amor, a alma da Casa do Gaiato, que deve animar as suas vidas. No contacto com as crianças da rua, lá fora, devem manifestar-lhes o seu interesse para encontrarem o lugar que abandonaram. São portadoras da riqueza humana que todos os filhos têm. Necessitam de respeito e ajuda. Este contacto pode ser muito saudável. Aproveitamos, também, a oportunidade para lembrar às camadas jovens que nos visitam o respeito grande que devem ter pelas suas próprias vidas. Há abusos muito perigosos pelas consequências sociais nefastas. Por exemplo, numa reunião dum grupo comunitário que vela pela situação saudável duma grande comunidade, existente num bairro, a gravidez precoce foi apontada como um dos males mais perigosos, socialmente. É, sem dúvida, para além doutros males, a porta aberta para filhos da rua, abandonados pelos pais. É absolutamente necessário, a tempo e horas, um trabalho de formação. Por isso, a estadia destes grupos, por alguns dias, no espaço da Casa do Gaiato é aproveitada para sensibilizar as

camadas jovens para esse perigo grave. Há uma pergunta chave que sempre fazem: O que é a Casa do Gaiato? É a Casa de Família dos filhos sem família, abandonados. A partir desta realidade, vem a chamada de atenção para o perigo grave a que estão sujeitos os jovens e as donzelas que se entregam à vida imoral.

Estamos na fase da preparação para a abertura do ano lectivo de 2015. Como pais desta multidão de filhos enfrentamos problemas graves. As matrículas nas escolas públicas tornam-se difíceis, por causa das idades avançadas e algumas notas muito fracas, da frequência do ano transacto. É um problema, aliás, com que nos confrontamos, todos os anos. A compreensão das entidades responsáveis, tem sido uma ajuda de alto valor. Estes filhos, vindos da rua, pedem muito esforço educativo, com muita paciência e perseverança. Aliás, muitos pais sentem o mesmo problema. Batem-nos, constantemente, à porta, a pedir que recebamos os seus filhos, porque são desobedientes, fogem da escola, andam com más companhias e outros motivos. Não são filhos para a Casa do Gaiato, pois, doutro modo, seria preciso ter uma Casa do Gaiato em cada bairro ou em cada rua. A Casa do Gaiato é a Casa de Família dos filhos sem família. Os outros devem ser levados ao colo ou aos ombros dos próprios pais. Quem nos dera poder acolher uma parte grande das crianças abandonadas! Pedimos que os corações de cada um de vós se abram para uma ajuda à nossa Casa do Gaiato de Benguela. □



PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

Fica sempre alguma de pé, no chão, como os rebentos que brotam nos muros ou os oásis nos desertos. Ou Cristo partido nos escombros de uma igreja; e mártires, como os cristãos do Oriente, maltratados e perseguidos. Já agora, Portugal também é País de Missão...

No dia sequente à sementeira, os céus derramaram o seu orvalho e teve de se suspender a labuta, mas a canseira não terminou. Quando menos se espera, o curso da vida é assim mesmo: parar, escutar e olhar para a frente. *A quem iremos?* Pedro respondeu por todos os que confiam no Bom Pastor.

O grão caído na terra não perde

a sua dignidade. Quem se entrega e desce pela vida dos outros, não espera ver a colheita e está sujeito até à ingratidão. De dez leprosos, curados, apenas um samaritano voltou para agradecer a Jesus, que lhe disse: — *Levanta-te e vai, a tua fé te salvou.* Sem fé, nada! Neste sentido, um sentimento humano a cultivar com persistência desde o ventre materno é a gratidão. Brota do mais fundo da pessoa humana e é pacificador. *A gratidão é a memória do coração.*

Outras lucubrações ocorreram-nos percorrido e vivido o tempo do Menino Deus, em que repetimos amiúde palavras de gratidão pelos benefícios concedidos em prol deste rebanho e de outros

que, felizmente, vamos encontrando nas margens, embora aflitos. Disseram-nos da necessidade de ser ajudado um rapazito indocumentado e desamparado. E voltaram urgentemente à carga, precisamente os mesmos amigos que, numa atitude de compaixão e gratidão, não querem o bem só para eles: — *Venham cá, outra vez, para depois poderem receber o miúdo, que o pai está muito doente e não sabemos da mãe...* Alguns papéis necessários quantas vezes não existem, pois quem foge à desgraça tem tempo de levar o quê?... Nem a própria pele. Quantos seres humanos frágeis, sem registo e inscritos afinal no Livro divino! Aquela situação será mais outra, no calvário das

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

QUERIA saber escrever. Quanto mais leio mais o desejo e não consigo. Acho que é pretenciosismo saber escrever. A Pai Américo saía em borbotão o que queria dizer. O Abel, seu motorista, disse-me que fazia parar o carro e quando ele demorava, dizia: «escreve depressa, se não perco a veia». Ele tinha água viva a jorrar quando escrevia e, até, quando falava, a gaguejar. Também se chama veia de água àquela da profundidade da terra. Quem já entrou numa mina, debaixo da terra, e viu a água a borbulhar das paredes, ficou maravilhado. É um milagre para quem acredita, uma delícia pela frescura, pela satisfação que traz ao corpo sedento. Debaixo da terra, a água segue um caminho que só especialistas dotados são capazes de descobrir, à superfície. Passei uma hora com um célebre Padre Salesiano que localizava, até, pessoas desaparecidas. Ele com um objecto dessa pessoa numa das mãos, percorrendo vários itinerários em cima de um mapa de Portugal e, na outra, um pêndulo com fio de seda, quando este começava a girar violentamente dizia: «Está aqui. Procurem lá». No meu caso, em que buscava água para a colónia de férias da Ericeira, nada apareceu. E ele no fim estava cansado. Outros a localizaram a cem metros de profundidade — mas também não estava lá. Porque será? Deus me faz refletir: «Quem beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede e a água que eu lhe der tornar-se-á uma torrente a jorrar». Significa que estou seco por dentro. Tão, seco por dentro, como está a nossa terra, por fora. As sementeiras em perigo de perder-se. A água é imprescindível, seja para mim a água que Cristo dá, seja para a natureza que nos ampara com seus produtos. Mais seco ainda pelas agruras da vida que alguns rapazes transportam em si e neste recomeço do ano lectivo estão inseguros quanto ao ideal de vida. Nós temos de pensar por eles, limitados pela insegurança em que vive a sociedade, insegurança maior a deles ao viverem num ambiente de desequilíbrios tentadores, no deixa andar, que faz esquecer que está na hora de formar afincadamente a sua personalidade. Mas a água Senhor! A segura do ar até me perturba o discernimento. Se há em mim, como não neles? As palavras que tenho de lhes dizer têm de ser vivas e para o serem preciso dessa água. Senhor dá-me sempre, mas sempre, dessa água e que a da chuva caia abundante sobre os nossos campos, do nosso povo tão sofrido pelo trabalho em vão. Tanto se continua a dizer que vai acabar a pobreza absoluta e como penso, não será possível sem a água viva que vem de Vós. □

CASA DINA

OS nossos Amigos que por conveniência queiram deixar as suas ofertas ou a sua contribuição para o nosso Jornal ou adquirir os livros da nossa Editorial na cidade do Porto, podem continuar a fazê-lo na Casa Dina, à Rua dos Mártires da Liberdade n.º 30.

Pela amizade da Sr.ª D. Dina e seus colaboradores, lhes ficamos gratos.

O nosso Lar na Rua D. João IV, 682, na mesma cidade do Porto, continua também disponível para o mesmo fim. Bem-hajam. □

burocracias de quem está fora do sistema.

Por essas bandas, fomos também assinar um acordo de promoção e protecção, simples, sem alternativa de momento. Entretanto havia que partir para outro, devidamente sinalizado, e perguntar pela dita papelada. Resposta pronta e textual: — *Sabemos que ele está bem!* São tantos os problemas naquelas paragens que ajudar a livrar alguns frágeis dos perigos, são vitórias animadoras para quem lida com botões a florir.

Destes encontros descomplicados, fomos ligeiros àquele simples secretário que tem sempre a porta aberta para carimbar documentos imprescindíveis. Com dívida de gratidão, é ele que nos retribui a oportunidade de fazer o bem.

Também escutámos, ainda, e sentimos os soluços da mãe de um pequenito, que se borra com frequência, nos perdoem a crueza. Na despedida, ao encontro de sua mãe muito enferma, deixou-nos este mandato, em

lágrimas: — *Cuidem bem dele!* Nem teatro conseguimos fazer, enganando-nos e chorando para dentro. Quem tem uma mãe tem (quase) tudo. A ciência e a técnica são importantes para melhorar e prolongar a vida. Contudo, não substituem nunca a cura do encontro pessoal nas dores. Estamos próximos e gratos àqueles que nos transmitem a sua cruz para os ajudarmos a aliviar. É nesta comunhão, de gratidão, que aprendemos a ultrapassar outras agruras que se guardam no coração e não se podem contar.

Outro eco ressoou bem alto, de Manila, a 18 de Janeiro, quando uma menina perguntou ao Papa Francisco, em lágrimas: — *Porque sofrem as crianças?* Se o sofrimento não redime, não tem sentido. Jesus, que também chorou, deu-lhe um sentido único: não deve acontecer; contudo, é uma marca humana que nos ajuda a ver realidades mais profundas da vida com outros olhos e aproxima-nos. Sem Caridade, nada somos! □